



## **A EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESTEIRA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: o papel do professor de Educação Física junto aos alunos autistas**

**Geovana Torres da Silva** – Universidade Federal do Piauí – UFPI/GEPEEFE  
[geovanatorres01@gmail.com](mailto:geovanatorres01@gmail.com)

Maria Clara da Costa Alves – Universidade Federal do Piauí – UFPI/GEPEEFE  
[claracosta409@gmail.com](mailto:claracosta409@gmail.com)

Mesaque Silva Correia – Universidade Federal do Piauí – UFPI/GEPEEFE  
[mesaquecorreia@bol.com.br](mailto:mesaquecorreia@bol.com.br)

### **RESUMO**

O estudo teve como objetivo analisar o papel do professor de Educação Física no processo de inclusão de crianças com autismo e baseou-se a partir da observação das aulas de Educação Física e aplicação de um questionário semi estruturado com perguntas voltadas ao professor da disciplina em destaque, ao corpo técnico e as crianças da turma não deficientes que englobavam sobre as dificuldades encontradas pelo professor de Educação Física para inclusão das crianças autistas, assim como sua metodologia, conhecimento a respeito do autismo e reações das crianças quanto ao desenvolvimento das aulas, o serviço de acompanhamento oferecido pelo corpo técnico e estrutura escolar, por fim analisamos as respostas dos alunos não deficientes sobre as aulas de Educação Física, seus contatos e comportamentos diante das dificuldades dos colegas autistas. Foi selecionada uma turma que continham um total de 30 alunos em que desse total 2 crianças autistas e um com déficit de aprendizagem. Ao término do estudo constatamos a problemática que a escola enfrenta no atendimento das crianças autistas quanto a sua infra-estrutura e disponibilidade de materiais nas aulas de Educação Física, além de uma pedagogia aplicada pelo professor da disciplina que não favorece a total inclusão das crianças autistas, porém, é imprescindível ressaltar as dificuldades que o professor encontra com o quantitativo de alunos e o atendimento de crianças com necessidades especiais, em que por não ter a sua disposição ajudantes fornecidos pela escola o professor ajusta sua metodologia a partir do conhecimento que chega através das atendedoras particulares que acompanham as crianças. E por fim analisamos as respostas das demais crianças quanto sua relação com as crianças autistas, seus medos, suas aceitações com os colegas com necessidades especiais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Física Escolar, Autismo, inclusão.

**ABSTRACT:**



The purpose of this study was to analyze the role of the Physical Education teacher in the process of inclusion of children with autism and was based on the observation of the Physical Education classes and the application of a semi structured questionnaire with questions addressed to the teacher of the highlighted discipline, to the coaching staff and the non-disabled class children that included the difficulties encountered by the Physical Education teacher to include autistic children, as well as their methodology, knowledge about autism and children's reactions to the development of classes, the service of the accompaniment offered by the technical staff and school structure, finally we analyzed the answers of the non-disabled students about the classes of Physical Education, their contacts and behaviors before the difficulties of the autistic colleagues. A class was selected that contained a total of 30 students with a total of 2 autistic children and one with a learning deficit. At the end of the study we verified the problem that the school faces in the care of autistic children regarding their infrastructure and availability of materials in Physical Education classes, besides a pedagogy applied by the teacher of the discipline that does not favor the total inclusion of autistic children, however, it is essential to highlight the difficulties that the teacher encounters with the number of students and the attendance of children with special needs, in that because they do not have at their disposal helpers provided by the school, the teacher adjusts his methodology from the knowledge that comes through of the private attendants who accompany the children. Finally, we analyze the responses of other children regarding their relationship with autistic children, their fears, their acceptance with their special needs colleagues.

**KEY WORDS:** School Physical Education, Autism, inclusion.

## 1- INTRODUÇÃO

O autismo vem sendo discutido e estudado por cientistas e profissionais em busca de melhores explicações sobre suas causas e efeitos. Muitos métodos já foram desenvolvidos e considerados eficazes para o tratamento, assim contribuindo na aprendizagem para que esses indivíduos tenham o mínimo de dependência possível, já que o autismo não tem cura e que segundo a lei 12.764/12, passou a ser classificado como uma deficiência que afeta a comunicação e socialização da criança. Segundo a Escala de Classificação de Autismo na Infância - CARS (Childhood Autism Rating Scale), o autismo é classificado como grau leve ou asperger e severo ou clássico e depende do laudo de um especialista, o que não é fácil de conseguir por conta das inúmeras peculiaridades que o indivíduo autista possui. No ambiente escolar, que é uma das formas



# VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS  
VI SEMINÁRIO DO PIBID  
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18

FORTALEZA - CE

de inclusão, essas crianças são levadas a viver no mundo onde todos precisam ser ajudados e ajudar e assim partilhar de momentos e sensações quebrando a “bolha” que as cerca desse “mundo” exterior que vivemos. Sabe-se que a inclusão praticada no ambiente escolar ainda precisa de incentivos e práticas para que ganhe uma conscientização maior, além da orientação de gestores e professores. A partir do incentivo e políticas públicas que ainda precisam aumentar para que o processo de capacitação de profissionais aconteça, é que o produto final que é a inclusão de pessoas com deficiência, ganhará mais força e será cada vez mais aceita.

Em se tratando do autismo que é uma deficiência que por lei deve ser aceita no sistema de ensino regular, o processo de inclusão pode se tornar muito mais difícil, assim, analisamos os fatores que estão inseridos no processo de inclusão destes alunos que vai da estrutura escolar oferecida para recebê-los, da capacitação do corpo técnico, do acompanhamento quanto ao desenvolvimento da aprendizagem feito pela escola, a metodologia utilizada pelo professor de Educação Física, o comportamento das outras crianças diante da criança com autismo, até o processo de inclusão nas aulas de Educação Física e as contribuições das atividades para o desenvolvimento social.

Ainda como forma de justificar o presente trabalho, entende-se que a falta de qualificação de professores e corpo técnico das escolas do ensino regular do Estado do Amapá, não deixa de ser um entrave para uma melhor política de intervenção, em que muitos fatores estão ligados às políticas públicas, como a falta de incentivos e promoção de eventos relacionados à qualificação profissional, maior remuneração salarial, divulgação de informação e outros fatores que são importantes para o desenvolvimento de atividades de pessoas que trabalham com esse público específico. Em conformidade com o artigo 23, Capítulo II da Constituição de 1988, que determina que seja competência comum da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios cuidar da saúde e assistência públicas, da proteção e garantia das pessoas portadoras de deficiências.

A dificuldade de acesso a informação e melhoria tanto da parte física das escolas quanto da parte da formação global do aluno nos leva a refletir quanto às práticas pedagógicas que o professor atual desempenha junto às escolas.

Assim, o Amapá ainda clama por melhorias quanto a perspectivas de desenvolvimento no Estado, iniciativas estas que deverão vir para facilitar a chegada de informações, serviços, qualificação para a população que ainda carece com a falta de crescimento, de todas as áreas, em especial a educação.



# VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS  
VI SEMINÁRIO DO PIBID  
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18

FORTALEZA - CE

A partir da Educação Física que já está presente no ambiente escolar, observamos a visão do professor como parte do processo para incluir cada vez mais essas crianças, utilizando atividades que possibilitem a vivência de situações contribuindo para o mínimo de dependência nas tarefas cotidianas de sua realidade. Diante de todas as dificuldades que são encontradas, e do crescente número de crianças com Autismo que são inseridas no ensino regular, a Educação Física pode ser uma brilhante ferramenta que utiliza como principal recurso para desenvolvimento das atividades o próprio corpo. Com cada vez mais importância como mecanismo interventor, a Educação Física vem contribuindo para melhoras consideráveis quanto o aspecto da cultura corporal do movimento já observando melhoras no tratamento de crianças com autismo (VATAVUK, 1996).

Partindo da sugestão da utilização das aulas de Educação Física como mecanismo interventor para o desenvolvimento dessas crianças, já que as próprias atividades requerem a utilização de valências como força, velocidade, equilíbrio e raciocínio lógico a Educação Física também exige desses alunos concentração, estímulos para realização das tarefas e recompensa quando a tarefa é cumprida além do desenvolvimento psicossocial e afetivo entre aluno-aluno e aluno-professor. Assim como afirma Gallahue (2005), que o movimento é o próprio centro da vida ativa da criança que é uma faceta importante que constitui todo o aspecto do seu desenvolvimento, seja no domínio motor, cognitivo ou afetivo do comportamento humano. Negar às crianças a oportunidade de colher muitos dos benefícios de uma atividade física vigorosa e regular é negar-lhe a alegria do movimento eficiente, os efeitos saudáveis do movimento e uma vida inteira como seres móveis competentes e confiantes.

Assim, a utilização da Educação Física como prática para um melhor estabelecimento quanto ao desenvolvimento da criança autista em seu aspecto global requer um conhecimento mais apurado e peculiar de seu comportamento. O desenvolvimento de práticas motoras nas aulas de Educação física podem ser um ótimo aliado em que a preparação do professor para todas as possíveis reações da turma é uma medida que pode se tornar segura na aplicação de suas aulas em que se precisa incluir a criança com autismo.

Segundo Vatavuk (1996), um dos primeiros passos para um bom e significativo desenvolvimento motor é conhecer com detalhes as habilidades motoras dos autistas os interesses e as capacidades comunicativas, para se ter a segurança que a pessoa será absolutamente bem-sucedida nas tarefas propostas para a construção da motivação, obediência, auto-estima e desempenho independente. Portanto, verificamos se o professor de Educação Física realiza, e de que forma ele realiza a inclusão de crianças com autismo em suas aulas, seu método de intervir, e de



que forma as atividades contribuem para o desenvolvimento social dessas crianças tendo em vista que a mesma, segundo Tomé (2007) é uma das maiores dificuldades da criança com autismo.

Assim sendo, é objetivo desse estudo é analisar o papel do professor de Educação Física em seu agir pedagógico no processo de inclusão de crianças com autismo.

## **INCLUSÃO: EDUCAÇÃO FÍSICA E AUTISMO**

A tentativa de incluir pessoas com necessidades especiais no ambiente escolar sempre foi algo muito difícil de ser executado e que exige do profissional algo mais que as habilidades obtidas na academia. Durante a formação, professores ainda como acadêmicos degustam de diversas formas que podem facilitar a condução de uma criança com necessidades especiais para que tenha um aprendizado de forma significativa, tendo em vista que ultimamente um dos temas mais apontados nos últimos tempos é a inclusão.

Para Lourenço (2011), inclusão não pode significar adequação ou normatização, tendo em vista um encaixe de alunos numa maioria considerada “normal”, mas uma conduta que possibilite o fazer “parte”, um conviver que respeitasse as diferenças e não tentasse anulá-las.

A inclusão praticada no ambiente escolar, muitas vezes vem sendo trabalhado de forma equivocada por profissionais ainda que com a melhor das intenções. Não basta apenas colocar as crianças que possuem necessidades especiais na escola, é necessário um amplo aparato de conhecimento que irá balizar o saber e a prática na vivência dessa criança no ambiente escolar.

Para Montoan (2003), as escolas inclusivas propõem um modo de organização do sistema educacional que considera as necessidades de todos os alunos e que é estruturado em função dessas necessidades. Para Lourenço (2011), a escola inclusiva deve ser aberta, eficiente, democrática, solidaria e, com certeza, sua prática traz vários benefícios para a sociedade como um todo.

Já se tem estudos que apontam a Educação Física como ferramenta para promover a inclusão de pessoas com autismo, mas ainda há muito que avançar nessa questão, como afirmam Crowe, Axter e Pyfer (1988), que se tratando da utilização da Educação Física no ambiente escolar, o modo de trabalho no qual essa ferramenta é utilizada com crianças com autismo é pouco frequente e propositalmente silenciosa em relação ao papel das atividades de movimento para esse grupo.

Como forma de apontar a importância da Educação Física para a melhora de crianças autistas, Vataavuk (1996), mostra que a utilização de atividades físicas demonstra melhorias em relação a crianças com autismo. A necessidade da utilização de atividades físicas para crianças com autismo se faz presente em seu desenvolvimento global, já que o propósito da Educação Física é o



desenvolvimento do indivíduo como um todo. Arilo et al (2003), ainda destaca a importância da prática esportiva para o desenvolvimento motor de crianças com autismo.

Em se tratando de prática inclusiva, a Educação Física vem se tornando importante no processo de inclusão de pessoas com necessidades especiais no ensino regular, porém ainda há a necessidade da presença de quem é o principal responsável por fazer a diferença: o professor. A chegada de um aluno com deficiência na turma em muitos casos costuma amedrontar o professor de Educação Física, em se tratando que muito do seu desenvolver prático se fará com a utilização livre e plena do corpo, o que muitas das vezes não é possível acontecer com algumas pessoas dependendo da deficiência.

Cidade e Freitas (1997) apontam que poucas são as escolas prontas para receber este público, e as dificuldades encontradas, são por que os professores não se sentem preparados para atender adequadamente às necessidades daqueles alunos, e por que os escolares que não têm deficiência não foram preparados sobre como aceitar ou brincar com os colegas deficientes.

Para Vatauvuk (1996) o professor deve ser alguém que divida suas experiências com os alunos, um facilitador que ajuste sua comunicação para cada situação particular. As aulas de Educação Física desenvolvem a astúcia e avanços no desempenho em combinações variadas de habilidades motoras, cognitivas e afetivas.

No caso do autismo que se mostra ser intrigante, desafiador e recompensador quando se permite trabalhar nas aulas a Educação Física pode-se descobrir um mundo completamente mágico o diferente se mostra natural no agir mesmo que complexo do movimento exigido pelos jogos e brincadeiras ao qual a Educação Física se apossa para contribuir com o crescimento integral do aluno respeitando seus limites e explorando suas melhores capacidades.

### 3- PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a realização deste estudo utilizou-se a investigação qualitativa de caráter exploratório, ou seja, uma pesquisa que resulta de uma investigação visando explorar conteúdos ou descobrir a causa de algum fenômeno. A metodologia característica da pesquisa é qualitativa e essa escolha deve-se à importância da mesma para estudar o papel do professor de Educação Física para inclusão do aluno autista em suas aulas, visto que investiga a fala segundo a perspectiva daquele que a sente, que está na sala de aula, enfrentando situações adversas direta ou indiretamente.

Dentre as características básicas que configuram a pesquisa qualitativa em educação Flick (2006) destaca algumas que são particularmente relevantes para esta pesquisa. O contato direto do



pesquisador com o professor a comunidade pesquisada através das entrevistas realizadas no contexto pesquisado. Para o referido autor a pesquisa exploratória faz com que o pesquisador realize achados originais e relevantes focalizados no tema.

Neste estudo utilizou-se a entrevista semi-estruturada individual. A entrevista semi-estruturada permite visualizar os relatos verbais dos sujeitos, valorizando-os e por meio deles obter informações das experiências dos professores e conhecer os seus comportamentos; e ainda, houve oportunidade para um cuidado maior na comunicação das questões e em fornecer informação.

A entrevista semi-estruturada caracteriza-se por perguntas que são formuladas previamente, seguindo um roteiro de questões a partir dos objetivos do estudo, podendo o pesquisador fazer perguntas adicionais (LUDKE; ANDRÉ, 1986).

#### 4- ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os dados coletados foram submetidos à técnica de conteúdos propostos por Bardin (2011), inicialmente fizemos uma leitura flutuante, seguida de uma leitura profunda e finalizada por uma leitura exaustiva.

Da análise realizada com o corpo técnico pedagógico da escola ao questionarmos se a escola possui estrutura para incluir as crianças autistas nas aulas de Educação Física obtivemos a seguinte resposta:

**Sim, a escola possui estrutura para receber essas crianças.**

O corpo técnico ainda afirma ao questionado se precisou fazer alguma mudança estrutural para receber essas crianças, o mesmo afirmou que.

**Algumas como decorações de sala mais simples para evitar chamar mais atenção do aluno para decorações que para a aula.**

No entanto, as observações realizadas detectaram que a escola não possui uma estrutura física adequada, além do fato de o professor ter que dividir esse espaço pequeno para desenvolvimentos das suas aulas com programações paralelas que ocorrem na escola como ensaios de festivais, o que tira completamente a atenção das crianças na aula e prejudica o trabalho com os alunos autistas a quadra poliesportiva não atende as medidas exigidas, assim como a falta de material adequado para a realização das aulas.

Além dessa constatação empírica o depoimento do professor de Educação Física reafirma os resultados encontrados:



# VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS  
VI SEMINÁRIO DO PIBID  
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18  
FORTALEZA - CE

**As maiores dificuldades são falta de espaço apropriado, materiais diversos, turmas com números máximos de alunos e escola com estrutura inapropriada para receber os autistas (PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA).**

Segundo Mattos e Nuernberg (2011), ambientes bem planejados, que procuram se adequar às necessidades de todos os educandos compreendem a escola como meio sociocultural fundamental à constituição dos sujeitos. Se a interação social entre as crianças é indispensável para promover o desenvolvimento, cabe à escola viabilizar as possibilidades de experiências socializadoras, permitindo às crianças desenvolverem processos psicológicos superiores.

Assim sendo, a escola como maior promotor desse desenvolvimento, carrega em seu bojo a responsabilidade de atenuar qualquer conflito em que possa expor a criança com autismo utilizando de todos os recursos possíveis e estruturas para que possa desenvolver o educando em seu aspecto global, em que a mesma é um espaço sociocultural fundamental para a construção do sujeito.

Observando a dinâmica da escola em suas abordagens, questionamos o corpo técnico quanto à forma com que a escola faz o acompanhamento do desenvolvimento escolar das crianças autistas e obtivemos como resposta:

**A escola possui uma equipe composta por pedagogos e psicólogo que acompanham as professoras de sala e o atendimento educacional especializado, orientando e planejando estratégias que melhor atendam as necessidades do aluno.**

Como parte do questionamento, verificamos ainda a existência de uma atenção multidisciplinar particular para o trabalho de algumas crianças autistas, que são os acompanhantes e os atendentes/terapeutas. Os acompanhantes estão diariamente com as crianças autistas na sala de aula e fazem acompanhamento particular, já os atendentes ou terapeutas, fazem monitoramento a partir de relatórios enviados pelos acompanhantes.

Perguntamos ainda do corpo técnico se a escola troca informações com outros profissionais que acompanham as crianças autistas obtivemos como resposta:

**Sim, além do trabalho lado a lado com psicóloga sempre reunimos com os especialistas que os acompanham fora da escola para melhor atender nossos alunos.**

Foi verificado na escola o desenvolvimento de parceria com os profissionais multidisciplinares que trabalham com os alunos em regime particular, o que parece muito importante em que os mesmos ministram palestras e treinamentos de como trabalhar com os alunos autistas, em especial os alunos aos quais prestam serviços, utilizando sempre das informações passadas pelos professores e corpo técnico para estarem se atualizando quanto às mudanças necessárias para o melhor desenvolvimento da criança. De acordo com Bosa (2006), o planejamento



do atendimento à criança com autismo deve ser estruturado de acordo com o desenvolvimento dela. Portanto, o acompanhamento estruturado e a participação de uma equipe multidisciplinar são de relevante importância para a evolução da criança não só no ambiente escolar quanto em sua vida diária como um todo.

No estudo feito na escola, percebe-se que a formação de uma equipe bem estruturada e capacitada, desempenha um papel de grande relevância no desenvolvimento da criança e sua inserção nas atividades do ensino regular. Quando uma equipe escolar bem formada desenvolve um trabalho em conjunto com os profissionais multidisciplinares que acompanham o aluno fora da escola, a evolução desta criança se torna muito mais perceptível e em menor prazo assim como sua inserção significativa na sociedade, como afirma Mattos e Nuernberg (2011, p. 130) que:

Para que a sociedade possa se adequar a todas as pessoas, independente de suas idiosincrasias, o trabalho interdisciplinar é indispensável. Portanto, uma possibilidade de parceria com a psicologia está justamente no diálogo entre a educação e a compreensão do desenvolvimento do psiquismo, possibilitando espaços reflexivos e viabilizando o entrelaçamento entre as áreas, contribuindo para propostas educacionais.

Ainda reafirmando o compromisso da escola com o acompanhamento do desenvolvimento dos alunos autistas e sua forma de abordagem, questionamos o corpo técnico se professores e funcionários receberam algum tipo de orientação para o trato com crianças autistas e obtivemos como resposta:

**Sim. Estamos sempre buscando cursos fora para que os nossos possam participar e profissionais para palestrar na escola.**

Como significância dos conteúdos abordados em cursos e palestras já citadas, o professor de Educação Física aponta o método pedagógico que aprendeu e utiliza em suas aulas, onde um a base de suas aulas é:

**Fazer com que o aluno autista fique sempre próximo ao professor para que ele possa visualizar e ouvir o que está acontecendo na aula. Utilizar atividades que promovam trabalhos em equipe, duplas e individuais, facilitando a entrada desse aluno no convívio com os colegas de classe (PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA).**

No entanto, o que foi verificado empiricamente pelas observações feitas é que a estratégia pedagógica utilizada com essas crianças não surtiu um efeito satisfatório nas aulas, pois o que se observou é que em muitos momentos nas atividades dirigidas os alunos autistas se dispersaram, o que nos parece que o professor não utilizou da estratégia de manter o visual do aluno e fazer com que o mesmo fique próximo a ele dificultando o ouvir o ver e a participação dos autistas nos



trabalhos em grupo. Farias et al (2008) afirma que para que o aluno obtenha sucesso em seu desempenho, o professor deve reconhecer seu nível de desenvolvimento intelectual proximal para, então, conduzi-lo a estágios ainda não alcançados, fazendo com que ele atinja níveis mais avançados de desenvolvimento real.

Quando perguntamos ao professor de Educação Física da escola com relação à de que maneira os jogos e atividades motoras podem ajudar na interação social do aluno autista obtivemos que:

**Fazendo com que o autista passe a fazer parte de um mundo real, tendo contato físico, visual, ouvindo, cheirando e etc. Dessa forma os jogos e brincadeiras vão desenvolver seu cognitivo, afetivo-social e motor (PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA).**

A partir das observações das aulas de Educação Física podemos perceber que apesar de todas as dificuldades e peculiaridades das crianças autistas que a interação social com os colegas acontece de forma significativa. Muitos colegas de sala apóiam os alunos com autismo, reconhecem suas dificuldades e ajudam, brincam e contribuem para o seu desenvolvimento além de cumprirem as orientações fornecidas pela coordenação e a dos atendentes particulares para o melhor desenvolvimento do colega autista nas aulas. A Educação Física sempre se mostrou uma ótima ferramenta no ambiente escolar para o desenvolvimento global do alunado. Quando a criança joga todo seu esquema motor é acionado, sua emoção aflora, sua socialização é mais solicitada e o esquema cognitivo mais estimulado LOURENÇO (2011, p. 20).

## Alunos

A partir do procedimento de análise dos questionamentos direcionados ao corpo técnico e ao professor de Educação Física, direcionamos nossa atenção aos conhecimentos e respostas que os alunos traziam das experiências na escola. Ao questionarmos os alunos com relação a gostar da aula de Educação Física obtivemos que os alunos II, XV e IV afirmaram gostar da aula.

**I. Sim muito, porque tem muitas brincadeiras legais**

**IV. Sim, porque eu gosto de brincadeiras e exercícios.**

A partir das respostas dos alunos percebemos que as crianças gostam muito das aulas de Educação Física, porém, apesar de todo ambiente que encontram para sua diversão, algumas crianças consideram que a aula já esta ficando monótona e o professor sem criatividade para o desenvolvimento das atividades como afirma a criança XV, que ao questionada se gostava da aula de Educação Física respondeu.



## **XV. Sim, mas nosso professor esta ficando sem criatividade.**

A Educação Física com sua área de pesquisa baseada na cultura de movimento ainda esbarra na dificuldade de uma pedagogia de inclusão das pessoas com necessidades especiais. O que para Falkenbach et al (2007), descreve que a prática pedagógica de caráter inclusivo na educação física esbarra em históricas dificuldades que estão relacionadas com o entendimento da sua ação. Enquanto a ação pedagógica estiver centrada no ensino do movimento e o desenvolvimento de sua técnica respaldada por conceitos de “melhor/pior”, “certo/errado” e “ganhar/perder”, sempre haverá margem para a exclusão.

Em continuidade a nossa investigação, questionamos sobre o que os alunos mais gostavam na aula de Educação Física, obtivemos dos alunos XVIII, XXV e XIX, as seguintes respostas.

**XVIII. Eu gosto de queimada e de pular corda**

**XXV. Das brincadeiras**

**XIX. Tudo, brincar todas as que o tio faz.**

A partir da observação e dos depoimentos das crianças, percebemos a grande prática de jogos e brincadeiras nas aulas como o pular corda. Ainda como observação, visualizamos o quão as crianças gostam das brincadeiras e participam mesmo aquelas que parecem mais tímidas ou introvertidas. As brincadeiras de pega-pega, jogos e atividades com bola parecem ser os que elas mais gostam segundo a observação e as respostas dadas ao questionário aplicado. O que mostra o grande poder que a ludicidade tem de influenciar e estimular as crianças.

Com base na Psicologia da Educação Moreira e Schwartz (2009 p. 210), afirmam que, por meio do lúdico, a criança pode elaborar anseios e fantasias, aprender a lidar com o ganhar e o perder, aprender a administrar sua angústia, diminuir sua ansiedade diante dos conflitos, de situações complexas e confusas, além de gerar prazer, motivação e experimentação.

E em se tratando de formação integral e receptividade, a Educação Física desempenha uma brilhante função ao mostrar a importância de saber lidar com as limitações e diferenças dos alunos que requerem uma atenção maior por conta das suas especificidades. Constatamos isso ao observarmos e questionarmos os alunos de como eles se relacionam com os colegas autistas. No resultado, obtivemos dos alunos XIV e XXIII as seguintes respostas:

**XIV. Bem**



## **XXIII. Eu converso com eles,brinco, ajudo eles, etc..**

Isso mostra o quão a Educação Física se mostra uma poderosa ferramenta na formação de valores, porém, percebemos que ainda não são todos que participam da interação com as crianças autistas, alguns colegas não se relacionam e nem os ajudam. O que foi verificado na observação empírica na aula de Educação Física em que no decorrer das atividades as crianças autistas se dispersavam enquanto as outras crianças continuavam brincando, ou seja, não estabeleciam um relacionamento entre si, apesar de passarem a manhã juntos. Constatamos isso na resposta do aluno XIII, ao questionado sobre como se relaciona com os colegas autistas respondeu;

### **XIII. Não.**

Falkenbach et al (2007) justifica o isolamento das crianças com necessidades especiais as escolas de ensino diferenciado que serviu como um sistema atraente e amplamente divulgado. O autor acima ainda destaca que tais escolas, construíram um mundo isolado para os deficientes com trabalhos e estudos próprios, mas que serviram apenas para isolar e cada vez mais confirmar a idéia de que não se deve conviver junto.

Da mesma forma, observamos no desenvolver das aulas a resistência de algumas crianças na interação no brincar com as crianças com autismo.No finalizar nosso questionário perguntamos se os outros alunos gostam de brincar com os alunos autistas e por quê? Obtivemos dos alunos V e IV as seguintes respostas:

**V. Sim, porque é legal brincar com eles.**

**IV. Sim, porque eu gosto deles**

Apesar de a grande maioria observada gostar de brincar com os autistas, percebemos na minoria das crianças o receio de interagir com os autistas por medo da irritação e de serem agredidas. Assim, observamos na resposta do aluno XVI, que ao questionado se gostava de brincar com os colegas autistas e porque, respondeu:

**XVI. Não, porque eles podem nos bater.**

Sobre o comportamento autista, Arilo et al (2003) afirma que o indivíduo autista tem uma relação interpessoal falha, apresentando deficiência no contato visual (desviando o seu olhar dos olhos dos outros); nota-se ausência do sorriso social; em alguns casos, há aversão ao contato físico,



desinteresse em participar de jogos e brincadeiras e preferências por permanecer isolado. O autor ainda aponta que é frequente um comportamento de autoflagelação, que pode se iniciar precocemente ou na puberdade. O autista morde as mãos, agride-se com tapas no rosto, socos na cabeça ou se corta com objetos.

Sendo assim, ao apontar todo o desenvolver da pesquisa a partir da análise das respostas do professor, corpo técnico e alunos, buscamos interpretar e compreender um pouco mais da dinâmica social que acontece na escola quanto à inclusão das crianças com autismo a partir da literatura científica. Com os resultados, observamos e analisamos o contexto no qual o processo de inclusão acontece mesmo que a passos lentos, porém ainda com vontade por parte do corpo técnico e docente em suas caminhadas rumo a uma escola inclusiva.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise dos dados obtidos na escola e da observação in loco, concluímos que, apesar da escola afirmar que possui uma estrutura para receber crianças autistas, constatamos que a realidade não condiz com o que foi apontado pelo corpo técnico quanto a uma estrutura que possibilite o desenvolvimento integral das crianças autistas, sendo que as mesmas são expostas a ambientes que não facilitam sua aprendizagem. As aulas de Educação Física não possuem espaço adequado para prática, existe precariedade de materiais que estimulem o desenvolvimento global do aluno autista além de não possibilitar através da prática a relação social com todos os colegas. A escola ainda necessita de uma política de difusão de conhecimento para que todos possam conhecer o que é o autismo e como conviver com essas diferenças e saber incluí-los na sociedade geral.

Apesar das falhas consideradas primárias e que podem ser facilmente solucionadas a partir da troca de informações entre a escola e os profissionais que desenvolvem os trabalhos paralelos com as crianças com autismo, ressalta-se o incentivo da escola à busca de novos conhecimentos e experiências através de cursos aos professores. Ainda, nota-se a vontade de se capacitar cada vez mais que parte do próprio professor de Educação Física assim como o corpo técnico.

Ainda com pouca experiência no trabalho com crianças com autismo, o professor de Educação Física em seu agir pedagógico busca promover a inclusão dos alunos autistas, porém, é sabido e compreensível que apenas um professor não pode suprir a carência de aprendizado de uma turma na qual contem mais de uma criança com necessidade especial. Assim, em muitos momentos, foi observada a falta de significância nas aulas por conta do professor se vê impossibilitado de no agir pedagógico, reagir sozinho.



Esse fato contribui para a desvalorização e dificuldade de execução das aulas de Educação Física para a turma em análise. O diálogo se mostrou difícil quando foi necessário e ainda nota-se a resistência de alguns alunos em interagir com os alunos autistas da sala.

Ao analisarmos os objetivos do trabalho apresentado, verificamos que a prática pedagógica do professor de Educação Física se mostrou um tanto a quem das necessidades reais para promover a inclusão dos alunos autistas, seu modo de agir ainda necessita ser direcionada para a atenção no desenrolar da turma além das relações estabelecidas ou não com as crianças com necessidade especial.

O papel do professor de Educação Física na inclusão das crianças com autismo é de grande importância vendo que a própria disciplina é considerada uma ótima ferramenta para o desenvolvimento das potencialidades das crianças e a prática pedagógica do professor pode se tornar obsoleto à medida que o mesmo não se capacita não se interessa em deter o conhecimento acerca de leis e normas que norteiam a prática da inclusão em nosso meio, além de outros mecanismos que facilitariam e contribuiria para melhorar o rendimento das crianças com o incentivo da Educação Física.

## REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO:

BARDIN L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

CIDADE, R. E.; FREITAS, P. S. **Noções sobre Educação Física e Esporte para Pessoas Portadoras de deficiência**. Uberlândia, 1997.

DSM-IV - **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1995.

FALKENBACH, A; FERNANDES, H. G. G; LOURENÇO, G. F; FERREIRA, B. G. **Crianças com crianças na psicomotricidade relacional**. Lajeado: UNIVATES, 2007.

FARIAS, I. M; MARANHÃO, R. V. A; CUNHA, A. C. B. **INTERAÇÃO PROFESSOR-ALUNO COM AUTISMO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: análise do padrão de mediação do professor com base na teoria da experiência de aprendizagem mediada (mediated learning experience theory)**. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, Set.-Dez. 2008, v.14, n.3, p.365-384.

FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

GALLAHUE, D. L. **Conceito para maximizar o desenvolvimento da habilidade de movimento especializado**. **Rev. da Educação Física/ UEM**. V. 6, n. 2, p. 197-202, 2005.

LUDKE, M; ANDRÉ, M. **PESQUISA EM EDUCAÇÃO: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.



# VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS  
VI SEMINÁRIO DO PIBID  
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18

FORTALEZA - CE

MONTOAN, M. T. E. **INCLUSÃO ESCOLAR**: o que é? Como fazer?. São Paulo: Moderna, 2003.

MOREIRA, J. C. C; SCHWARTZ, G. M. **Conteúdos lúdicos, expressivos e artísticos na educação formal**. Curitiba: Editora UFPR, 2009.

TOMÉ, M. C. 2007. **Educação Física como auxiliar no desenvolvimento cognitivo e corporal dos autistas**: disponível em: [https://.toledo.pr.gov.br/sites/default/files/autista\\_pdf.acesso](https://.toledo.pr.gov.br/sites/default/files/autista_pdf.acesso) em: 16 de novembro de 2018.

VATAVUK, M. C. **Ensinando Educação Física e indicando exercício em situação estruturada e em contexto comunicativo: foco na interação social**. Congresso Autismo – Europa – Barcelona, 1996.

